



C. W. GORTNER

A CONSPIRAÇÃO DOS

TUDOR

ONDE REINA A TRAIÇÃO E A MENTIRA,
NADA NEM NINGUÉM É O QUE PARECE.

Do mesmo autor dos aclamados bestsellers internacionais
O Juramento da Rainha e O Segredo dos Tudor

TOP
SEL
LER

Para o Erik

Ela tem um espírito que nos enfeitiça.

— SIMÃO RENARD, REFERINDO-SE A ISABEL TUDOR



Lista de Personagens

POR ORDEM DE ENTRADA EM CENA

1. Brendan Prescott: espião ao serviço de Isabel; no seu trabalho, usa a identidade falsa de Daniel Beecham
2. Kate Stafford: dama de companhia de Isabel
3. Peregrine: escudeiro de Brendan, anteriormente moço de estrebalaria em Whitehall
4. William Cecil: antigo secretário da corte, conselheiro e espião-mor
5. Catarina Ashley: governanta pessoal da Princesa Isabel e também da casa
6. Robert Rochester: fiscal de contas da Rainha Maria
7. Maria Tudor: Rainha de Inglaterra
8. Jane Dormer: uma das protegidas da rainha e também sua servidora
9. Susana Clarencieux: a dama de companhia favorita da Rainha Maria
10. Sybilla Darrier: uma das damas de companhia da rainha
11. Simão Renard: embaixador de Carlos V, imperador da Casa de Habsburgo
12. Margarida Douglas, Condessa de Lennox: prima de Maria e de Isabel
13. Eduardo Courtenay, Conde de Devon: primo de Maria e de Isabel
14. Isabel Tudor: irmã da rainha e herdeira do trono
15. Scarcliff: criado pessoal de Courtenay
16. João, Ambrose, Henrique e Guilford Dudley: os irmãos de Robert

17. Jane Grey: filha do Duque de Suffolk, prisioneira na Torre de Londres
18. Robert Dudley: amigo íntimo de Isabel, prisioneiro na Torre de Londres
19. Nan: criada de uma taberna
20. William Howard: almirante-general

Inverno de 1554

Na vida de qualquer um de nós, há um momento inevitável em que passamos uma porta e nos vemos, então, perante uma divisória invisível entre quem somos e aquele em que temos de nos tornar. Por vezes, esta passagem é evidente — uma catástrofe súbita, que testa a nossa índole; uma perda trágica que nos abre os olhos para a fatalidade da nossa condição mortal; ou então um triunfo pessoal que instila em nós a confiança de que precisamos para nos libertarmos dos nossos medos. Noutras alturas, essa nossa passagem é obscurecida por todos os pequenos detalhes de uma vida demasiado preenchida, até que a vislumbramos fugazmente num desejo proibido, numa inexplicável sensação de melancólico vazio ou num anseio por ter mais, sempre mais, do que aquilo que já possuímos.

Por vezes, aceitamos de bom grado a oportunidade de embarcar nessa passagem, encarando-a como uma oportunidade de finalmente nos livrarmos da nossa pele adolescente e de provarmos o nosso valor face aos incessantes caprichos do destino. Noutras ocasiões, revoltamo-nos com a sua inesperada crueldade e por nos vermos bruscamente atirados para um mundo que não estamos preparados para explorar, um mundo que não conhecemos e no qual não confiamos. Para nós,

o passado é um porto de abrigo e abominamos a ideia de o deixar, não vá o futuro corromper-nos a alma.

Antes não mudar de todo, do que nos tornarmos alguém que não reconheceremos.

Conheço perfeitamente este medo. Sei o que é esconder um segredo e fingir que posso ser como qualquer outro homem — normal, vulgar, sem nada de incomum, desenrolando-se os meus dias entre o nascer e o pôr do sol e tendo o meu coração uma única dona. Ansiava por ser qualquer outro menos eu próprio. Sentia que já vira o suficiente de vicissitudes, de inocência destruída e de selvajarias perpetradas em nome da fé, do poder e da luxúria. Acreditava que, ao negar a verdade, estaria a salvo.

Sou Brendan Prescott, ex-escudeiro de Lorde Robert Dudley e agora um servidor da Princesa Isabel Tudor da Inglaterra.

Nesse inverno de 1554, o meu logro veio ao meu encontro.

Capítulo Um

HATFIELD

— **A**vança e golpeia! Para a esquerda! Não, a *tua* esquerda! Os gritos de Kate ecoavam na galeria abobadada de Hatfield, pontuados por um silvar metálico quando, ajudada pelo calçado macio, ela avançava para mim de espada em riste.

Ignorando o suor que me escorria pela testa e com os cabelos — que me davam pelos ombros — a escaparem-se da fita e a colarem-se-me à nuca, aféri a minha posição. A meu favor tinha o meu peso e a minha altura, mas Kate contava com vários anos de treino. Na verdade, a sua experiência fora uma completa surpresa para mim. Tínhamo-nos conhecido há apenas cinco meses, no Palácio de Whitehall, durante o arriscado período em que eu era escudeiro de Lorde Robert Dudley, filho do poderoso Duque de Northumberland, e ela era informadora da nossa atual senhora, a Princesa Isabel Tudor. Durante essa temporada na corte, Kate revelou talentos incomuns numa mulher, mas, quando se ofereceu para me dar lições de esgrima, jamais me ocorreu que fosse tão destra com a espada. A minha ideia era desmascará-la; estava certo de que, na melhor das hipóteses, ela conheceria um número reduzido de investidas e de esquivas. Mas depressa me provou que eu estava redondamente enganado.

Desviei-me da sua investida e a espada dela fendeu o ar. Voltei-me, rodando sobre os meus sapatos com sola de couro macio, e vi-a avançar, decidida, para mim. Deixei-a aproximar-se, fingindo-me exausto. No momento em que Kate se preparava para desferir o golpe, desviei-me para o lado de um salto e fiz a minha espada descer.

No silêncio, o aço a bater na sua manopla ecoou como um trovão. Com um arquejo sobressaltado, ela deixou a sua arma cair ruidosamente no chão.

Seguiu-se um silêncio tenso.

Fiquei com o coração na garganta.

— Meu amor... Oh, meu Deus, estás magoada?! Perdoa-me. Não quis magoar-te. Eu não... Não me dei conta...

Abanando a cabeça, ela tirou a manopla. Vi um rasgão no forro de tecido vermelho, onde a minha espada entrara. O meu estômago revoltou-se.

— Mas como...? — arquejei. Passei um dedo pela lâmina afiada da minha espada. — A minha espada não... A lâmina não foi cegada! A ponta deve ser sempre cegada. A proteção deve ter caído!

Pus-me a procurar no chão, mas depois detive-me, compreendendo subitamente o que acontecera. Olhei para o rapazote pernilongo parado ali a um canto, como que petrificado.

— Peregrine! Cegaste a minha espada, como eu mandei?

— Pois claro que cegou — interveio Kate. — Para de gritar. Estou ótima, não vês? Isto foi só um arranhão. — Mostrou-me o pulso. A sua pele branca e macia, que eu beijara incontáveis vezes, começara já a escurecer, deixando antever o que seria uma vistosa pisadura, mas, para meu alívio, não chegara a haver ferimento.

— Sou um brutamontes — resmunguei. — Não devia ter golpeado com tanta força.

— Não, fizeste exatamente o que devias: surpreender e desarmar o teu oponente. — Fitou-me com os seus olhos cor de mel. — Vais precisar de um instrutor melhor. Já não tenho nada a ensinar-te.

Aquele seu elogio fez-me pensar. Embora fosse gratificante ouvir tais palavras, achei-as um nadinha oportunas demais para as levar à letra. Baixei-me para apanhar a espada caída a seus pés. Retesei o maxilar.

— Eu bem devia ter desconfiado; parece que a proteção da ponta da tua espada também caiu. — Detive-me a observar-lhe a expressão. — Deus do Céu, Kate, enlouqueceste?! Para quê fazeres semelhante coisa?!

Senti-a pousar uma mão no meu braço, como que a avisar-me, mas, ignorando-a, voltei-me bruscamente para Peregrine. Ele não moveu um músculo. O emaranhado de caracóis escuros que lhe caía em volta do rosto emoldurava-lhe os olhos azul-esverdeados, agora muito abertos. Peregrine não sabia quando era o seu aniversário, mas acreditava estar à beira de completar 14 anos e, embora não tivesse crescido muito em altura, as suas feições começavam a perder o ar acriançado e travesso e a revelar o homem atraente em que ele um dia se tornaria. O ar limpo e a comida em abundância ali na propriedade de Isabel em Hatfield tinham-no transformado, apagando qualquer vestígio do moço de estrebaria meio morto de fome que se fizera meu amigo na corte.

— Devias ter-te certificado — disse-lhe. — Isso faz parte dos deveres de um escudeiro; todo o escudeiro verifica e reverifica os apetrechos do seu senhor.

Peregrine fez beicinho.

— E eu verifiquei. Mas...

— Verificaste?! — Apercebi-me da ira súbita no meu tom, mas fui incapaz de me conter. — Bem, se verificaste, então fizeste um serviço muito mal feito. Talvez ainda não estejas preparado para ser escudeiro. Talvez eu devesse levar-te de volta para os estábulos. Lá, pelo menos, ninguém se magoa.

— Brendan, francamente! — exclamou Kate, exasperada. — Agora, *sim*, estás a ser um brutamontes! A culpa não é do Peregrine. Fui eu que tirei as proteções antes de chegares. Além disso, o acolchoamento que pus sob o justilho chegava para aguentar uma tempestade em alto mar. Não estava em perigo.

— Não estavas em perigo?! — Voltei-me para ela, incrédulo. — Eu podia ter-te decepado a mão!

— Mas não o fizeste. — Com um suspiro, ela pôs-se em bicos de pés para me beijar. — Por favor, não exageres. Há semanas que

treinamos diariamente. Aquelas proteções teriam de sair mais cedo ou mais tarde.

Resmunguei de irritação, embora soubesse que não a devia repreender. Precisara de algum tempo e de várias mazelas para reconhecer que, sendo aparentemente um pretexto para me ensinar as sutilezas do combate de espadas, as nossas sessões de treino eram, na verdade, uma forma de canalizarmos a frustração por não termos tido oportunidade de pedir licença para nos casarmos antes de a Princesa Isabel abalar para Londres para assistir à coroação da sua meia-irmã, a Rainha Maria.

Dadas as circunstâncias, Kate e eu tínhamos decidido — com relutância — não sobrecarregar Isabel com o pedido de autorização para nos casarmos. Nos dias que antecederam a partida, a princesa manteve-se sempre de sorriso firme, mas eu sabia que o reencontro com a meia-irmã, a quem ela não via há anos, a trazia apreensiva. A questão não era apenas a diferença de 17 anos entre as duas. Se Isabel fora educada segundo os preceitos da fé protestante — em resultado da cisão do seu pai, o Rei Henrique, com Roma —, Maria mantivera-se fiel ao catolicismo, o que, nos últimos dias do reinado do seu irmão, o Rei Eduardo, por pouco não lhe custara tudo.

Sabia perfeitamente quais os perigos que as duas princesas tinham enfrentado. Tal como Isabel, também Maria estivera na mira de João Dudley, Duque de Northumberland, que governava em nome de Eduardo. Com o jovem rei no leito de morte, Northumberland conspirara para fazer prisioneiras as irmãs Tudor e para, em lugar de uma ou de outra, sentar no trono Guilford, o seu filho mais novo, e Jane Grey, a sua nora. E poderia muito bem tê-lo conseguido, não tivesse eu sido largado no meio dos seus planos, acabando por me tornar, involuntariamente, num dos arquitetos da sua derrocada; fora por isso que conhecera Kate e que passara a servir Isabel. Agora, com Northumberland morto, com os seus cinco filhos na prisão e com a Inglaterra a celebrar a coroação de Maria, Isabel não tivera alternativa senão obedecer quando a sua irmã requerera a sua presença, ainda que, para meu desconcerto, tivesse insistido em regressar à corte sem nós.

— Não, meus amigos — dissera-nos. — Não é, de todo, a melhor altura para eu aparecer por lá de comitiva atrás. Assistirei à coroação enquanto súbdita leal e estarei de regresso antes que deis por isso. Digamos que Maria não está *desejosa* de me ter por lá; já tem bastante com que se preocupar. Eu apenas seria um estorvo.

Isabel resolveu fazer-se acompanhar unicamente por Blanche Parry, a sua fiável matrona. Isso não me agradou. Na noite antes de ela partir, tornei a pedir-lhe — em vão — que me deixasse ir também, citando os meus receios pela sua segurança naquele nauseabundo poço de intrigas que era a corte.

Ela riu-se.

— Esqueceis que passei toda a minha vida a respirar os vapores desse mesmo poço nauseabundo! Se consegui sobreviver a Northumberland, decerto não tenho muito a temer. Ainda assim, prometo-vos que, se me parecer que preciso de proteção, sereis quem primeiro mandarei chamar.

Deixou Hatfield já com o outono a dourar a paisagem. Depois da sua partida, a casa instalou-se numa rotina tranquila. Enquanto tentava afastar a inquietação que a segurança dela me causava dedicando-me ao estudo, aos treinos com a espada e a várias outras tarefas, acabei por compreender que o caso não era que Isabel não me quisesse consigo, mas, sim, que ela me conhecia melhor do que eu a mim mesmo e que agira no meu melhor interesse.

A verdade era que eu não estava preparado para regressar à corte. Ainda precisava de tempo para sarar as feridas.

Ao recordar isto, lamentei o tom que usara com Peregrine — ele, que tanto me ajudara. Com um braço em volta da cintura de Kate, fiz-lhe sinal para se aproximar.

— Anda cá — disse-lhe.

Ele avançou a arrastar os pés. Tornara-se na minha sombra e seguia-me para todo o lado — «como um cachorrinho leal», comentara Kate, sendo que, naquele instante, isso era perfeitamente visível no apelo que os seus olhos muito abertos me lançavam.

— O que eu devia era mandar-te ir despejar as águas sujas ou então fazer qualquer outra coisa igualmente desagradável — resmunguei. — Ainda não aprendeste que nunca devemos confiar numa mulher?

Kate deu-me com o cotovelo nas costelas.

— Sim — respondeu Peregrine. — Quero dizer, não.

— Então? — Arqueei o sobrolho. — Em que ficamos? Sim ou não?

Kate deixou escapar uma risada.

— És impossível! Deixa o gaiato sossegado. Ele ainda tem muitos anos pela frente para descobrir as artimanhas do belo sexo. — Afastando-se de mim, desapertou a fita na nuca, soltando os cabelos acobreados.

Passei a mão pelos caracóis de Peregrine.

— Sou um brutamontes, de facto — disse-lhe. — Desculpa-me, peço-te.

Peregrine preparava-se para me responder quando Kate exclamou:

— Papá, mas que surpresa! — Pregado ao chão, fiquei a olhar, incrédulo, para a entrada da galeria.

Ao nosso encontro avançava a última pessoa que eu esperaria ver, uma elegante figura de manto negro e de sacola ao ombro. Ao tirar o modesto chapéu preto da cabeça já meio calva, William Cecil pareceu-me mais jovem do que os seus 33 anos e mais saudável do que da última vez que o vira. Nem a barba arruivada apresentava pelos grisalhos que lhe traíssem a idade, e o bronzeado do seu rosto era um sinal inequívoco de que, tal como eu, também ele andara a gozar uma muito necessária temporada de repouso ao ar livre, a cuidar do jardim ou da horta ou a fazer fosse lá o que fosse que ele fazia quando não estava ocupado a manipular vidas alheias.

— Não venho em má altura, espero...? — perguntou naquele seu tom melífluo. — Dona Ashley disse-me que vos encontraria aqui, na vossa sessão de exercício físico.

— Vindes sempre em má altura — ouvi Peregrine resmungar e pousei-lhe uma mão no ombro. Os olhos azul-claros de Cecil brilharam, divertidos, quando ele olhou na direção do rapaz, antes de se voltar para Kate, que parecia um pouco atrapalhada, algo nada típico dela. Embora se fingisse surpreendida, tive a nítida impressão de que, para ela, a vinda de Cecil não era inesperada.

— Minha querida Kate, passou demasiado tempo... — Cecil abraçou-a. — A minha esposa, Lady Mildred, estava com muito medo de que tivesses adoecido. Foi um alívio para ambos receber o teu bilhete.

Um bilhete?! Lancei-lhe um olhar ríspido, mas ela limitou-se a retribuir o abraço de Cecil. Afinal de contas, estava no seu direito; com a morte da mãe, ficara à guarda de Cecil, que a acolhera em sua casa e a educara em parceria com a esposa. Porque não haveria Kate de lhe escrever? Apenas não o comentara comigo, mesmo sabendo a minha opinião a respeito daquele homem. Ela jamais o tivera por adversário, como acontecera comigo quando ele era o secretário particular de Northumberland e me persuadiu a espiar em desfavor da família Dudley. Kate não chegara a saber que o seu adorado protetor tinha várias caras, nenhuma das quais inteiramente digna de confiança.

— Peço desculpa por vos ter apoquentado, a vós e a Lady Mildred — disse Kate. — Bem que eu vos queria ter visitado, mas... — Voltando-se para mim, tomou a minha mão na sua. Cecil baixou o olhar para os nossos dedos entrelaçados; fez-se de indiferente, mas dificilmente não inferira já o óbvio. — O tempo fugiu — continuou Kate. — Não foi, Brendan? — Sorriu-me. — Ultimamente, parece que o dia não tem horas que cheguem. Há sempre tanta coisa para fazer na casa...

— Imagino... — replicou Cecil. — E não quero abusar, mas tinha esperança de poder cá jantar convosco. Trouxe uma empada de carne e um frasco de mel; deixei-os com Dona Ashley. — Sorriu calorosamente a Kate. — Lembrei-me de que, em pequena, adoravas o mel das nossas colmeias.

— Oh, que gentileza! Sim, vou já avisar na cozinha. — Kate tornou a olhar-me de fugida e o meu estômago fechou-se em nós; tive de recorrer a todas as minhas forças para dizer secamente: — Claro. Como poderíamos dizer que não?

Cecil enfrentou o meu olhar. O subentendido no meu tom de voz não lhe escapara. Eu já percebera que a sua visita não era apenas por preocupação com o estado de saúde de Kate.

— Dê-nos um momento, por favor — pedi, afastando-me um pouco com Kate, e deixando Peregrine ali a fulminá-lo com o olhar.

Num tom ríspido, perguntei a Kate: — A que propósito vem isto? Cecil está aqui *porquê*? E porque não me avisaste da sua visita?

— Ouve-o, peço-te — respondeu ela. — É importante.

Detive-me.

— É sobre...?

— Sim. — Antecipando-se à minha explosão, ela pousou um dedo nos meus lábios. — Mais tarde podes ralhar-me, mas, para já, vou deixar os dois a sós para ir ver do jantar. Vê se não lhe bates, está bem? — Voltando-se com um sorriso radiante, chamou Peregrine com um gesto. Enquanto era encaminhado por Kate, o pequeno fulminou Cecil com um olhar por cima do ombro.

— A julgar pela vossa expressão e pela reação do vosso pequeno amigo, depreendo que preferiríeis que eu aqui não estivesse — gracejou Cecil.

— E eu vejo que não perdestes a perspicácia. O que quereis?

Sorrindo, ele encaminhou-se para o assento na janela.

— Estais com boa cara — comentou. — Engordastes uns quilitos. Os ares de Hatfield são-vos benéficos, ao que parece.

— São melhores do que os da corte — repliquei. Depois concentrei-me em manter um ar impassível. Cecil era um perito em dissimulação e sabia como me manipular. Já conseguia senti-lo a medir-me com o olhar e a aferir de que maneira aquele período de isolamento, de «deitar cedo e cedo erguer», me transformara a ponto de eu já nem parecer o jovem inexperiente que ele conseguira persuadir a tornar-se num informador contra os Dudley. — Não respondestes à minha pergunta — insisti.

— Vim ver-vos. — Sentou-se. — Kate mandou-me um bilhete, mas eu já lhe tinha escrito antes disso, informando que tinha notícias importantes a dar. Ela respondeu a dizer que vo-las trouxesse eu mesmo.

— Poderíeis ter-me escrito.

— Sim, pois podia. Mas teríeis respondido?

— Depende. — Fitei-o. — Ainda não respondestes à minha pergunta.

Cecil mostrou-se embaraçado — um ponto a seu favor.

— Em não se tratando de uma questão urgente, não teria vindo, garanto-vos. Não tenho qualquer desejo de vos causar mais problemas do que já causei.

— Ah, sim? — repliquei, e então, ao encararmos-nos pela primeira vez desde os tumultuosos acontecimentos que nos tinham juntado, refleti na ironia de dois homens tão antitéticos poderem estar na posse de segredos tão poderosos a respeito um do outro. Pois apenas eu sabia quão impiedoso Cecil fora ao agir para destruir Northumberland, o seu antigo senhor, e assim proteger Isabel; da mesma forma, apenas Cecil conhecia a verdade sobre quem eu era.

Fiquei tenso quando ele afastou para o lado a pilha de livros no assento da janela, para se instalar sobre as almofadas. Agarrou num dos volumes e pôs-se a folheá-lo.

— Vejo que, além dos treinos no manejo da espada, começastes também a estudar espanhol e francês. É um empreendimento de respeito, se me permitis a observação. Quase nos leva a pensar que vos estais a preparar para alguma coisa.

Tive de me obrigar a aguentar o impacto dos seus olhos azules-claros. Já acontecera o suficiente entre nós os dois para eu saber que, em tratando-se de Cecil, seria sempre eu a estar em desvantagem. Até mesmo agora, com ele ali encostado ao vão da janela — como se me estivesse a receber na sua propriedade londrina e fosse ainda senhor de vasto poder e influência, mesmo que disso não fizesse gala —, senti um arrepio ao pensar em tudo aquilo de que William Cecil era capaz.

Retesei o maxilar.

— Talvez te tenhais esquecido de que eu agora sirvo a Princesa Isabel. Já não sou vosso informador, portanto ide direto ao assunto. Que questão urgente é essa?

Ele inclinou a cabeça. Como de costume, aquele seu ar casual não traía a urgência da questão que decerto o trouxera a Hatfield. Ainda assim, a sua «entrada a matar» apanhou-me desprevenido:

— Tendes tido notícias de Sua Graça?

Fiquei gelado — o que nada tinha que ver com a minha camisa encharcada em suor.

— Não recentemente. Enviou-nos uma missiva breve há cerca de um mês, dizendo que ia ficar na corte até à Noite de Reis. Partimos do princípio de que a rainha a convidara a ficar.

Cecil franziu o sobrolho.

— Oh, ela vai ficar, mas não por ter sido convidada. Maria ordenou-lhe que não deixasse a corte. — Fez uma pausa. — Já tenho o vosso interesse? — Enfiando a mão na sacola, tirou para fora um maço de papéis. — Isto são relatórios que um informador me mandou recentemente. Calculei que, atendendo às circunstâncias, não vos bastaria a minha palavra.

Cruzei os braços com deliberada indiferença, para disfarçar a inquietação.

— Isabel corre perigo — afirmou ele. — Um perigo tremendo, segundo estes relatórios.

Precisei de um momento para o encarar. Não lhe vi, no olhar, qualquer manha ou intriga; Cecil parecia-me tão preocupado quanto sincero. Mas, pensando melhor, ele era um mestre no que tocava a esconder os seus motivos.

— Perigo? — repeti. — E isso foi-vos dito por um informador que tendes na corte? De quem se trata?

Ele abanou a cabeça.

— Não sei. — Desfez o nó do fio de couro que prendia o maço de folhas. — Estes relatórios começaram a chegar há cerca de um mês, todos anónimos, todos redigidos pela mesma mão. — Estendeu-me uma das folhas; quando a aceitei, ele acrescentou: — Esse é o último. Chegou há cerca de uma semana. Podeis ver que o papel é de tipo comum, tal como os restantes, mas eu acredito que o homem que escreveu estes relatórios ocupa algum cargo na corte. As suas informações denotam proximidade quanto aos acontecimentos que descreve. E vede a caligrafia; é bem desenhada, mas sem arrebiques; julgo que poderá ser algum secretário, ou talvez um notário.

Passei os olhos pelo relatório. Ao ver aquela letra, tive um ligeiro sobressalto; lembrava-me a caligrafia muito cuidada que várias vezes vira nos livros de contas do castelo mantidos por Archie Shelton, o administrador dos Dudley. Shelton treinara-me para ser seu aprendiz.

Levara-me para a corte para que eu fosse escudeiro de Lorde Robert Dudley, acabando, porém, por me enredar no perigo.

Afastei tal recordação.

— Não entendo — disse, erguendo o olhar para Cecil. — Isto é um relato de como a Rainha Maria recebeu uma delegação espanhola que lhe vinha transmitir as felicitações do Imperador Carlos V por ocasião da sua coroação. O que tem isso de invulgar? O imperador é apenas um soberano como ela.

— Virai-a ao contrário — pediu Cecil. — A folha. Voltai-a de cabeça para baixo e erguei-a à luz.

Fui até à janela e pressionei a folha contra o vidro. Tive de focar o olhar, mas então comecei a ver — linhas translúcidas escritas a branco, surgindo como fantasmas por entre as outras, a negro.

Dentro daquela carta escondia-se uma segunda carta.

Franzi os olhos.

— Não consigo ler. As palavras estão demasiado esbatidas.

— A tinta especial que ele usou é ativada com sumo de limão — explicou Cecil. — É um método bastante conhecido e embaraça-me admitir que precisei de algum tempo para perceber como ler essa mensagem. Claramente, isto não é obra de um espião experiente. A princípio, achei que era alguém a pregar-me uma partida de muito mau gosto: enviar-me relatórios de acontecimentos aparentemente inocentes que fossem tendo lugar na corte. Mas, à medida que continuavam a chegar, comecei a ficar desconfiado. Por sorte, Lady Mildred tem sempre limões em conserva; nós próprios os cultivamos na nossa horta. — Encarou-me. — Transcrevi tudo para vós; está aqui, nesta folha. O que essa carta invisível diz é que, de forma não oficial, a delegação espanhola veio trazer uma proposta secreta da parte de Carlos V, oferecendo o seu filho, o Príncipe Filipe, em casamento.

— Filipe?! — Aquilo sobressaltou-me. — O príncipe espanhol?!

— Precisamente. E o imperador é mais do que «apenas outro soberano». É um primo direto da rainha, a quem ela sempre tratou como um confidente do seu sangue. Maria atende ao que ele lhe diz. Se aceitar a proposta de casamento com o filho dele, um dos termos do noivado será reinstaurar a fé católica na Inglaterra. Carlos V não

aceitará menos do que isso. Será escusado dizer que uma reaproximação a Roma seria calamitosa para todos os protestantes deste reino, com Isabel à cabeça. — Ergueu a folha onde transcrevera as palavras invisíveis constantes nos relatórios. — Vede aqui. Sua Majestade dá ouvidos exclusivamente a Simão Renard, o embaixador imperial, e ele classifica Isabel como uma bastarda, uma herege e uma ameaça à pessoa da rainha. — Ergueu o olhar para mim. — As mensagens são todas neste tom; duas ou três linhas escondidas em cada relatório, mas que, tomadas em conjunto, nos apresentam um quadro impossível de se ignorar.

O meu coração acelerou. Cecil podia até ser um mentiroso, mas, quando se tratava de Isabel, era, acima de tudo, minucioso: Isabel era tudo para ele; era a sua razão para continuar, o farol que o guiava por entre os baixios da sua desgraça, já que a derrocada de Northumberland fora também a sua derrocada, uma vez que a Rainha Maria o banira da corte.

— Sua Majestade não me parece do tipo de se sujeitar facilmente a vontades alheias — argumentei.

— Sim, nisso ela sai ao pai; pensa pela própria cabeça. Mas ela é também filha de Catarina de Aragão, uma princesa de Espanha, e Simão Renard representa os interesses espanhóis. Há muitos anos que ele serve Carlos V, imperador dos Habsburgo, e Maria leva a sério os seus conselhos. Se Renard lhe anda a dizer que Isabel constitui uma ameaça à sua fé e ao seu desejo de uma união matrimonial com a Casa de Habsburgo, então não poderia haver manobra mais calculada para lhe alimentar as suspeitas. Afinal de contas, a religião é o estandarte da rainha. Ela acredita ter sido o próprio Deus a guiá-la através de todas as vicissitudes por que passou até chegar ao trono. Isabel é protestante; está em direta oposição a tudo aquilo que Maria tem esperanças de alcançar, incluindo trazer a Inglaterra de volta ao catolicismo.

Um alarme soou no meu íntimo.

— Estais a dizer que esse tal Renard pretende que a princesa seja encarcerada?

— E executada — retorquiu Cecil. — Não há outra conclusão a tirar. Com Isabel fora do caminho, o trono ficará para o futuro filho

do Príncipe Filipe e de Maria. Um herdeiro com sangue dos Habsburgo para governar a Inglaterra e para nos agregar ao império, deixando assim a França cercada; é esse o sonho de Carlos V. Renard é um funcionário público de carreira; ele sabe que aquele que ajudar a concretizar tal sonho sairá a ganhar muito com isso.

Fitei-o, aterrado.

— Mas a rainha não lhe faria mal. Isabel é sua irmã e... — Ao ver a expressão de Cecil, o protesto morreu-me na garganta. — Deus do Céu, julgais que ele tem alguma prova contra ela?!

— Tirando as acusações sussurradas ao ouvido da rainha? Não, ainda não. Mas isso não quer dizer que não as venha a reunir em breve. Não vos equivoqueis: Simão Renard é um adversário tenaz. Quando ele se resolve a alguma coisa, só para ao alcançar o seu objetivo.

Ouvi distintamente o gemido do vento do anoitecer a levantar-se lá fora. Precisei de um momento para pôr ordem nos meus pensamentos e depois, em voz baixa, perguntei:

— O que pretendeis de mim?

Ele sorriu.

— O que mais havia de ser? Quero que vades até à corte para travardes Renard. Conquistastes a confiança da Rainha Maria ao arriscardes a pele para a ajudar a escapar ao golpe de Northumberland. Ela receber-vos-ia de braços abertos. Se conseguirdes um lugar ao seu serviço, podereis levar a melhor sobre Renard.

Deixei escapar uma risada seca.

— Assim, sem mais?! Volto à corte e a rainha oferece-me teto e comida, com um cargo para rematar?! — A minha animação extinguiu-se. — Tomais-me por um completo idiota?

— Pelo contrário, julgo que tendes queda para este tipo de trabalho, como acontecimentos anteriores já demonstraram. — Olhou para a pilha de livros ao seu lado, agora ocultada pelos seus relatórios. — Não acredito que esta vida rural possa satisfazer-vos por muito tempo, não quando ainda há tanto trabalho importante a fazer.

A perspicácia daquela observação inesperada afetou-me mais do que gostaria de admitir; não me agradava que ele soubesse coisas que não tinha direito algum de saber. Não o queria dentro da minha cabeça.

— Da última vez que aceitei uma missão proposta por vós, por pouco não morria — repliquei.

— Sim. — Cecil olhou-me nos olhos. — Um espião corre tal risco, de facto. Mas levastes a missão a cabo e bastante bem, devo acrescentar, pesando todos os factos. Desta vez, ao menos, já estais preparado e sabeis quem é o vosso adversário. Além disso, regressareis à corte usando a identidade que vos forneci quando conhecestes Maria. Sereis Daniel Beecham, e dificilmente o seu regresso despertará grande interesse.

Levantou-se do assento na janela, deixando os relatórios sobre os meus livros.

— Não tendes de me responder já. Lede os relatórios e resolvi se podeis permitir-vos o luxo de os ignorar.

Não queria ler os relatórios. Não queria estar interessado em nada daquilo. Ainda assim, Cecil já conseguira fazer-me morder o isco; acordara em mim algo a que eu não podia escapar — uma inquietação que me vinha atormentando desde que trocara a corte por aquele porto seguro.

E Cecil sabia-o. Sabia desse terrível anseio em mim porque ele também o sentia.

— Ainda vou ter de discutir tudo isto com Kate... — comecei a dizer. Detive-me ante o seu impaciente franzir de sobrolho. — Ela já sabe, não é verdade? Kate sabe que quereis enviar-me de volta à corte.

— Kate não é tola e preocupa-se convosco. Profundamente, ao que parece. Mas também entende que, em questões desta natureza, o tempo é, frequentemente, um luxo de que não dispomos.

Cerrei os maxilares. Recordei como Kate me encorajara tão entusiasticamente a aperfeiçoar o manejo da espada, como se mostrara tão determinada a que eu me tornasse exímio no seu uso. Decerto já suspeitava que chegaria o dia em que eu me veria forçado a regressar à corte para defender Isabel.

— Tenho de me ir refrescar antes do jantar — disse Cecil. — Suponho que tereis mais perguntas depois de lerdes isso. Posso passar cá esta noite, mas amanhã tenho de regressar à minha propriedade.

— Eu ainda não disse que concordava em fazer fosse o que fosse.

— Não, ainda não — respondeu ele. — Mas ireis dizer.

Capítulo Dois

Do lado de fora da janela, o céu cinzento infiltrava-se pela paisagem incolor do inverno, turvando a demarcação entre ar e terra. Olhando na direção da floresta, onde as árvores despidas se curvavam sob o vento salpicado de neve, senti aquele porto seguro, aquele meu refúgio, começar a dissipar-se inexoravelmente, qual breve sonho idílico.

Podemos guiá-la até ao seu destino, eu e vós. Mas, primeiro, há que a manter viva...

Voltei-me para o assento da janela e agarrei nos relatórios. Eram seis no total e, embora os tenha examinado à vez contra o vidro, com a luz da tarde a começar a desaparecer, era difícil — impossível, em alguns casos — decifrar tudo o que fora escrito entre as linhas a negro. No entanto, a transcrição concisa de Cecil confirmava o que ele já me dissera: ao que parecia, o embaixador espanhol Simão Renard instilara na rainha o medo de Isabel não lhe ser verdadeiramente leal, usando a fé protestante da princesa para lhe manchar a reputação e para a implicar em algo suficientemente perigoso para justificar que fosse encarcerada. O informador não especificava o que esse «algo» seria, provavelmente porque não sabia. Era mencionado várias vezes um tal

Eduardo Courtenay, Conde de Devon — um nobre que, segundo parecia, travara amizade com a princesa. Fiz uma nota mental para perguntar a Cecil a respeito deste tal Courtenay.

Fiquei ali sentado a ler sem me dar conta do tempo a passar, até que ouvi o chão a chiar sob os passos de Kate. Ao erguer o olhar, deparei com a galeria mergulhada no lusco-fusco. Trajando um recatado vestido azul, ela parou à minha frente. Começando a juntar as folhas dispersas à minha volta, disse-me em voz baixa:

— O jantar está quase pronto.

— Já estavas a par disto — retorqui.

Ela suspirou.

— Sim. Cecil escreveu a dizer que tinha notícias urgentes respeitantes a Sua Graça; não me deu quaisquer detalhes, apenas insistiu em falar contigo. O que querias que eu fizesse?

— Podias ter-me contado.

— Eu quis, mas ele disse-me que precisava de te mostrar não sei o quê pessoalmente. — Tornou a olhar de relance para os documentos no assento da janela. — Parece ser sério.

— É, de facto. — Falei-lhe dos relatórios e do que Cecil extrapolara dos mesmos.

Quando terminei, ela humedeceu os lábios.

— Deus nos proteja, o perigo persegue-a como uma maldição. — Suspirou de preocupação. — Há muito que receava este dia; vivi na esperança vã de que jamais chegasse.

Pondo-me de pé, tomei as suas mãos nas minhas. Kate tinha umas mãos fortes, bronzeadas por conta do tempo que passava a trabalhar no seu adorado canteiro de ervas aromáticas; sob as unhas curtas havia ligeiros vestígios de terra. De súbito, a ideia de a abandonar fez-me doer o coração.

— Se estes relatórios forem verdade, então a princesa precisa de mim — disse-lhe. — Só não entendo porque não nos escreveu pessoalmente. Por esta altura, é impossível que ela não saiba que corre perigo.

— Se souber, não me surpreende que não nos tenha escrito — retorquiu Kate. Olhei-a de sobrolho franzido. — Quando ela tinha 16 anos, isto antes de eu entrar ao seu serviço — começou a contar-me —,

Sua Graça viu-se implicada num complô arquitetado pelo Almirante Seymour, tio de Eduardo, o irmão dela. O almirante morreu decapitado por isso. Isabel foi questionada com dureza e até a nossa Dona Ashley passou algum tempo fechada na Torre de Londres. Quando Isabel me contou isto, disse que esse fora o período mais assustador da sua vida. Nessa altura, jurou que jamais tornaria a pôr voluntariamente em risco algum dos seus servidores. Ela não escreveu, porque está a tentar proteger-te. Decerto te pareço tremendamente egoísta por querer fazer o mesmo.

— Se fosse esse o teu desejo, terias queimado o bilhete de Cecil e trancado a porta.

— Tens razão. — Kate tornou a suspirar. — Quando tens de partir?

— Em breve — respondi em voz baixa. — Tenho de falar novamente com Cecil a seguir ao jantar, mas suponho que ele quererá que eu parta o mais depressa possível. Nas suas palavras, o tempo é, precisamente, aquilo de que não dispomos.

— Ele tem jeito para as palavras, não tem? — Kate forçou um ligeiro sorriso. — Mas, se vais partir, parece-me então que é altura de fazeres algo por mim.

À nossa volta e sem aviso, aquilo de que nunca falávamos pareceu acordar. Ela introduziu a mão no decote do corpete e tirou para fora um pequeno objeto pendurado num fio de couro — uma pequena folha de alcachofra de ouro, com um minúsculo rubi lascado na extremidade.

— Vais dizer-me o que é isto?

Fiquei com a boca seca.

— Eu... Eu já te disse; é um símbolo do nosso compromisso, do meu amor por ti.

— Sim, mas significa *o quê*? Sei que a adquiriste durante aquela fase horrível em que estávamos a fazer tudo para salvar a princesa dos Dudley. Foi Dona Alice, aquela mulher que te criou, quem te deu isto. Porquê? Qual é o significado desta folha? Kate fez uma pausa; notando o meu silêncio, prosseguiu num tom mais brando: — Está relacionada com o teu passado, não é? E Cecil sabe do que se trata. Ora, se lhe podes confiar a verdade, porque não a mim? — Ao estender a mão para

me acariciar a face, a joia baloiçou-lhe no peito. — Seja o que for, prometo que não te trairei. Antes morrer. Mas, se tens de regressar à corte para correres sabe Deus que perigos, não podes estar com ideias de me deixar para trás com este segredo entre nós. Tenho de saber a verdade.

Estava com dificuldade em respirar. Ao observar-lhe aqueles olhos tão firmes e determinados, senti-me esmagado pelo meu segredo, que jurara jamais contar fosse a quem fosse.

— Não tens noção do que me estás a pedir — respondi em voz baixa. — Mas eu confio em ti, acredita; confiar-te-ia até a minha vida. — Conduzi-a até ao assento na janela. — Tens de me jurar que jamais contarás isto seja a quem for — pedi, segurando a sua mão na minha —, principalmente a Isabel. Ela jamais deverá ficar a par disto.

— Brendan, já te disse que não trairei a tua confiança...

Apertei-lhe a mão.

— Jura, Kate, peço-te. Por favor, fá-lo por mim.

— Sim — sussurrou ela. — Está bem. Juro.

Assenti.

— Nunca falei nessa joia a Cecil. O único homem que sabe da sua existência além de mim é Archie Shelton.

— Shelton? O administrador dos Dudley que te levou para a corte...? Ele sabe?!

— *Sabia*. Ele morreu. Quase de certeza que morreu. É impossível ter sobrevivido àquela noite em que ficámos fechados na Torre depois de Londres declarar a sua lealdade a Maria. Aquilo foi o caos. Os portões fecharam-se conosco ainda lá dentro. Os apoiantes de Northumberland quase se despedaçavam uns aos outros ao tentarem sair. Eu vi Shelton desaparecer na multidão; foi espezinhado. Morreu e o segredo da joia morreu com ele. Cecil sabe quem eu sou, mas não sabe que tenho algo com que o provar.

Fiz uma pausa, hesitante. Tornei a ver-me como uma criança perdida, a tentar esconder-me, aflito, enquanto os irmãos Dudley andavam por ali a tentar apanhar-me, o clã todo em força atrás do enjeitado sem nome. Lembrei-me da minha adorada Dona Alice a lavar-me as feridas enquanto murmurava que eu tinha algo de especial que me

distinguia. Que algo pusera em marcha uma sequência de acontecimentos capazes de mudar completamente a minha vida, e então, pensando em tudo o que me acontecera e em tudo o que descobrira, compreendi que não podia continuar a guardar aquele segredo sozinho. Tinha de partilhar com alguém aquele fardo terrível.

Em voz baixa, contei a Kate a minha história, começando pela altura em que, ainda bebé, fora levado para casa dos Dudley, como fora criado para os servir e como me vira negligenciado e desdenhado até ao momento em que fora chamado a servir Lorde Robert, o mais perigoso de todos os Dudley.

— Quando chegou ao castelo para me levar para a corte, Shelton aconselhou-me a fazer aquilo que me dissessem, a ser um servidor leal e a nunca trair a família da qual a minha sobrevivência dependia. Disse que a minha lealdade seria recompensada. Mas então conheci Isabel. E depois fui contratado por Cecil para espiar Lorde Robert e para a ajudar e isso mudou tudo. Solucionei o mistério do meu nascimento. Depois de vinte e um anos convencido de que não era ninguém, descobri que me corre sangue real nas veias. — Fiquei em silêncio por um momento. Depois, ao mesmo tempo que Kate continha uma exclamação incrédula, concluí, hesitante: — A minha mãe era Maria de Suffolk, a tia de Isabel. Sou um Tudor.

Jamais pronunciara estas palavras em voz alta e vi o impacto da minha revelação tomar conta da expressão de Kate. Levando ao peito uma mão trémula, ela tocou na joia.

— Como... Como foi que Shelton descobriu? — consegui perguntar, por fim. — E que ligação tem esta joia com tudo isso?

— Shelton entregou a joia a Dona Alice. — Pus-me de pé; já não aguentava estar sentado. — Ele servira na casa dos Suffolk muito antes de entrar ao serviço dos Dudley. Essa folha faz parte de uma joia maior, que foi dividida após a morte da minha mãe: ela distribuiu as folhas por aqueles em quem achava poder confiar. Mas Dona Alice já tinha fugido comigo para o castelo dos Dudley e pusera a correr que eu era um enjeitado. Shelton deve ter passado anos à procura dela. E, quando a encontrou, Dona Alice contou-lhe a meu respeito.

— Mas porque havia ela de lhe contar isso *a ele*?

Forcei-me a encolher os ombros, embora a pergunta de Kate me fizesse doer a alma.

— A minha mãe tinha ocultado a gravidez a toda a gente, exceto a Alice; quando ela morreu, Alice fugiu comigo para me esconder. Creio que o fez para nos proteger, a mim e à minha mãe; para manter em segredo o facto de uma princesa Tudor ter dado à luz um bastardo.

— Deus do Céu... E, durante todo este tempo, guardaste essa história para ti.

— Não tinha opção. Não vês, Kate? Embora essa joia seja uma prova de tudo o que é meu por direito de nascença, tal revelação é demasiado perigosa para qualquer um de nós. Um bastardo não interessa a ninguém, mas, se alguém desconfiasse que sou legítimo... — Estremecendo, desviei o meu olhar do seu.

— Achas que Shelton conhecia a identidade do teu pai? — interrogou ela com brandura.

— Se conhecia, jamais o saberei. — Aclarei a garganta. — Não pedi nada disto. Se pudesse, desfazia tudo. Preferia ser um enjeitado a esta... A esta criatura das sombras.

— Não és uma criatura. — Ouvei o ruge-ruge das suas saias quando ela se pôs de pé. Senti a sua mão no meu ombro. A desolação tomou conta de mim.

— Não te peço que vivas com isto — sussurrei. — Sei que é um fardo demasiado pesado de se suportar. Os filhos que poderemos vir a ter... Jamais lhes poderei dar uma origem. Até o meu nome é uma mentira; não significa nada.

— Deixa-me ser eu a decidir o que posso ou não suportar. Brendan, olha para mim. — Voltei-me e encarei-a. — Não quero tornar a ouvir-te dizer semelhante coisa — avisou-me. — És o homem que escolhi para partilhar a minha vida. És forte, bom e honesto. És tudo aquilo de que uma criança precisa num pai.

Senti os olhos rasos de lágrimas. Puxei Kate para os meus braços e, ao apertá-la contra mim, inspirando o seu perfume de alfazema, enchi-me de desejo por ela. Ansiava por mergulhar as mãos nos seus cabelos e soltá-los da rede que os prendia na nuca, para que lhe caíssem sobre os ombros nus como o mais escuro mel. Ansiava por lhe

despir as roupas e vê-la arquear-se sob o meu corpo num abandono ofegante, deixando-me entrar dentro de si bem fundo. Não queria tornar a vê-la exposta aos terrores e às sórdidas intrigas quer do meu passado, quer da corte.

— Amo-te, Kate Stafford — disse-lhe. — Amo-te de todo o coração. Tudo o que quero é ser teu para todo o sempre. Se alguma vez encontrares motivo para duvidar de mim, recorda-te disto.

Ela beijou-me.

— E eu amo-te, Brendan Prescott, mesmo quando me escondes demasiadas coisas.

A seguir ao jantar, Cecil e eu deixámos a mesa e fomos sentar-nos diante da lareira.

Segurando um cálice de sidra quente e com os olhos pálidos estranhamente opacos sob o trémulo jogo de luz e de sombra, ele perguntou:

— Ides fazer o que vos pedi?

Em resposta, estendi-lhe o maço de relatórios, outra vez atados com o fio de couro.

— Não tendes nenhuma pergunta...? — acrescentou, com ligeira surpresa.

— Não há grande coisa a perguntar, pois não? Tal como dissesdes, esses relatórios explicam detalhadamente uma série de procedimentos na corte. Poderiam ser transcrições dos livros de qualquer escrivão ou mestre de cerimónias; nada há a questionar, pelo menos à primeira vista. No entanto, reparei numa outra coisa para lá dos avisos secretos. — Fazendo uma pausa, observei-o. Cecil era perfeitamente capaz de omitir detalhes importantes. Já o fizera antes. Não queria deter-me na ideia de que aquilo poderia ser mais um dos seus esquemas dúplices, não desta vez, mas a desconfiança que ele em mim despertava não podia ser apaziguada assim tão facilmente. Tinha de me certificar.

— Podeis dizer. — Ele bebeu um gole de sidra. — Vejo-vos a dúvida na expressão. Tereis de aprender a controlar isso. Na corte, todos são peritos a ler a expressão dos demais.

— Eduardo Courtenay — disse eu então. — O Conde de Devon. O vosso informador menciona-o várias vezes, em ligação à princesa. Porquê?

Cecil sorriu.

— Sois, de facto, um espião nato.

— Dificilmente isto constitui prova dos meus talentos. Qualquer um que lesse estes relatórios perguntaria o mesmo. Dizei, então: quem é ele?

— Um último sobrevivente da linhagem real dos Plantagenetas. O velho Rei Henrique, que conseguia farejar um inimigo a mais de cem metros, fechou Courtenay na Torre de Londres quando ele ainda era um miúdo. Além disso, mandou decapitar o pai dele. Publicamente, Henrique disse que o fizera porque aquela família se recusava a aceitá-lo como chefe da igreja, mas, na verdade, ele temia o direito de Courtenay ao trono. Um dos primeiros atos oficiais de Maria, enquanto rainha, foi ordenar a libertação de Courtenay. Além disso, concedeu-lhe um título. De facto, tem-no tratado como um favorito.

— Isso faz dele um aliado ou uma ameaça?

Cecil franziu o sobrolho.

— Vendo os seus privilégios reais, ou aquilo que ele toma por seus privilégios, serem-lhe negados durante tanto tempo, julgo que, sendo ou não um favorito da rainha, o nosso conde terá os seus próprios planos. Na verdade, a acreditar nos rumores, foi proposto como possível esposo para Maria, mas ela rejeitou-o por conta da sua inexperiência e juventude.

— Estais a dizer que ele poderá estar a conspirar contra o casamento com o príncipe dos Habsburgo?

— Estou a dizer que ele é um dos mistérios que tereis de investigar. — A voz de Cecil ensombrou-se. Era a primeira vez que ele demonstrava abertamente a sua frustração por se ver afastado àquele ponto dos ardis da corte. Outrora, teria colocado dois ou três agentes no encalço de Courtenay, para ficar a par de todas as suas movimentações. — Se Courtenay tiver algum plano em marcha, será pela calada. Recordai-vos de que Maria ainda tem de anunciar oficialmente a sua intenção de casar. Quaisquer que sejam os planos de Courtenay, está a traçá-los em segredo.

— Mas decerto Renard tê-lo-á vigiado. — Começava a reclinar-me na minha cadeira quando vi a mão de Cecil apertar-se em torno do cálice. Foi um movimento rápido e quase impercetível, mas, mal o vi, compreendi. — Meu Deus... — sussurrei. — Ainda me estais a testar... Quereis enviar-me à corte porque temeis que as suspeitas de Renard a respeito de Isabel possam ser verdade.

Ele suspirou com secura.

— Tal possibilidade cruzou-me o pensamento. Espero estar enganado. Na verdade, rezo para que esteja mesmo. Mas o facto de o nome de Isabel estar ligado a Courtenay não é um sinal auspicioso. Claro que pode não querer dizer nada. A amizade dos dois pode ser apenas o resultado natural de duas pessoas de estatuto verem-se largadas na corte ao mesmo tempo. Não há grande diferença de idade entre eles. Courtenay tem 26; é 6 anos mais velho do que a princesa. Pode ser tudo perfeitamente inocente.

— Ou não — retorqui. Hesitando, olhei para ele. Às vezes esquecia-me de que poucos de nós conheciam Isabel tão bem como supunham. Isso era parte do encanto dela; conseguia fazer qualquer um sentir que era seu amigo íntimo, quando, na verdade, a sua verdadeira natureza permanecia um enigma. — Acreditais mesmo que ela é capaz de tramar contra a própria irmã? — indaguei, cauteloso.

Cecil deixou escapar uma risada seca.

— Tratando-se de Maria e de Isabel, nada me surpreenderia menos. Dificilmente encontrareis duas mulheres tão díspares; e irmãs, ainda para mais. Receio que estejam destinadas a tornar-se inimigas mortais. Neste momento já se estão a desenhar linhas de batalha, com Maria de um lado, determinada a resgatar o reino da heresia e a unir-nos a uma potência estrangeira, e Isabel do outro, sua herdeira e a nossa última esperança de sermos um reino independente, vinculado à fé protestante. Qual das duas vencerá? — O tom dele imbuiu-se de urgência. — Se Isabel estiver envolvida nos esquemas de Courtenay, há que travá-la antes que seja tarde demais. Tal como a princesa, também eu não tenho qualquer desejo de nos ver cair nas garras da Espanha e da Inquisição, mas, ao contrário dela, já perdi a impetuosidade da juventude. Isabel não se dá conta de que Maria se aproxima do seu quadragésimo ano.

Ainda que o príncipe Filipe a consiga engravidar, há boas hipóteses de ela não levar a gravidez a bom termo. E, não havendo um herdeiro nascido de Maria, Isabel poderá ser rainha. Podemos guiá-la até ao seu destino, eu e vós. Mas, primeiro, há que a manter viva.

O eco das suas palavras foi-se dissipando, até que o crepitar das chamas na lareira se tornou nitidamente audível. Fiquei a observar a lenha a arder enquanto ponderava as preocupações dele.

— Nesse caso, fá-lo-ei — disse então em voz baixa. — Irei até à corte.

Toda a postura dele se descontraiu. De súbito, Cecil revelou o profundo cansaço que espreitava sob aquela fachada imperturbável, o insidioso preço cobrado ao seu espírito por tantos anos a digladiar-se na arena do poder, a negociar subornos e favores e a instigar tramoias e esquemas.

— Obrigado — disse-me. — No dia em que ela subir ao trono, queira Deus que seja para breve, prometo-vos que sereis bem recompensado pelos vossos serviços.

Pus-me de pé.

— Não façais já promessas. Eu disse que iria até à corte para a ajudar, mas farei isso nos meus próprios termos. Entendido? Não tolerarei interferências, qualquer que seja o rumo que escolha tomar. Se tendes homens vossos em Londres e se estais com ideias de os pôr no meu encalço, avisai-os desde já para não interferirem. Se não o fizerdes e se eu descobrir que me estais a enganar seja de que maneira for, arrepender-vos-eis.

Ele franziu os lábios.

— Creio que nos entendemos mutuamente. — Estendeu a mão para a sacola que pousara junto à cadeira e tirou de lá uma pequena bolsa de couro. — Para as vossas despesas.

— Vou fazer isto pela princesa. Não preciso que me pagueis.

Ele pousou a bolsa na minha cadeira.

— Tomai-o como um empréstimo, então. — Pôs-se de pé. Senti-me satisfeito; conseguira finalmente levar a melhor a William Cecil.

Quando ele já ia a sair, perguntei:

— E o tal informador...? Devo tentar encontrá-lo...?

— Nem pensar. Se ele quiser ser encontrado, informar-nos-á disso mesmo.

Nevou nos dias seguintes — apenas de forma ligeira, tanto que, à tarde, já a neve desaparecera; mesmo assim, a atmosfera encheu-se de um frio diferente, um frio profundo. Estávamos ocupados do nascer ao pôr do sol, preparando os animais e os campos para a chegada do inverno, concluindo o abastecimento das despensas e das caves, podando as últimas árvores de fruto e cobrindo os canteiros de ervas aromáticas e demais plantas delicadas para os defender da geada noturna.

Escrevi a Cecil e, em resposta, ele enviou-me as suas instruções. Enquanto eu me preparava, Kate e eu fizemos os possíveis para não tornarmos a nossa separação iminente ainda mais difícil. Ela ocupou-se a comprar tecidos para me fazer as camisas e os gibões de que eu iria precisar, passando o serão a costurar diante da lareira enquanto eu me debruçava sobre a transcrição que Cecil me fornecera dos avisos contidos nos relatórios, em busca de qualquer outra pista que me pudesse ter escapado. A atmosfera entre nós os dois ia ficando cada vez mais pesada, de tal maneira que, por fim, até Dona Ashley comentou a esse respeito na manhã da minha partida, enquanto eu estava a arrumar as minhas coisas.

A corpulenta matrona que gerira a casa de Isabel durante anos tornara-se também uma presença de confiança na minha vida. Enérgica e devotada ao bem-estar da princesa, Dona Ashley era senhora de um otimismo sem limites e de um talento especial para tranquilizar todos à sua volta. Sabia que ela ficara bastante descontente por Isabel não a ter deixado acompanhar até Londres; tinham discutido, como já era habitual entre as duas, ficando a «querida Ash», como Isabel lhe chamava, a torcer as mãos enquanto via a princesa afastar-se na sua montada. «É impossível isto acabar em bem», dissera ela na altura. «Ela e aquela sua irmã jamais deveriam estar sequer na mesma cidade, quanto mais debaixo do mesmo teto. Eu disse-lhe para ficar aqui, para se fingir doente. E ela, deu-me ouvidos? Não. Ali vai ela, direitinha à boca do lobo.»

Naquele momento, Dona Ashley entrou esbaforida no meu quarto e perguntou:

— Ides trazê-la de volta, não é verdade? Nada de enredos, desta vez; nada de andardes a entrar à socapa em quartos secretos ou de vos pordes a saltar de parapeitos para o Tamisa, de acordo? Limitai-vos a juntar as coisas dela e a trazê-la para aqui, onde é o seu lugar.

Era óbvio que Kate andara a desabafar com ela, as duas sentadas à mesa da cozinha, à noite, já depois de eu me ter recolhido.

— É essa a ideia. Se ela assim permitir — acrescentei, com um sorriso irónico.

Kat Ashley resfolegou.

— Eu bem vos avisei: servi-la não é nenhuma pera doce. Ela exige bem mais do que dá e raramente demonstra gratidão. Espero que estejais preparado. A única coisa que a princesa detesta mais do que lhe dizerem o que deve fazer é que lhe digam o que *não deve* fazer.

— Já me dei conta disso. — Fechei o alforge e tomei-lhe o peso. O empréstimo de Cecil permitira-me ter dois novos gibões, vários pares de ceroulas e ainda uns sapatos apropriados para a corte, e tudo isso resultava pesado. Não queria sobrecarregar o meu cavalo, o *Cinábrio*. Seria um dia inteiro de caminho para chegar a Londres, ou mais, se o tempo piorasse.

Dona Ashley enfiou a mão no bolso do avental e tirou um embrulho de papel oleado atado com retrós.

— Para a viagem — disse-me. Aceitei-o com gratidão, sabendo que conteria um naco de carne de veado secada recentemente, um pedaço de queijo do bom e pão acabado de cozer. Em seguida, ela pressionou-me mais uma bolsa na palma da mão, esta inconfundivelmente cheia de moedas. — Tenho andado a juntar para um dia como este. Uma peça de carne mais pequena aqui, mais um pouco de manteiga ali... Sabeis que é melhor aceitar. — Preparava-me para protestar, dizendo que ainda me sobrava algum do dinheiro que Cecil me dera, mas ela ergueu a mão. — Faço questão. Se tendes ideias de impressionar a rainha, não podeis ir para a corte feito pelintra. — Os seus olhos inteligentes fixaram-se nos meus. — A rapariga nem sabe o que há de fazer à vida — comentou então. Imobilizei-me. — Ela não quer dizer

nada, porque estais a cumprir com o vosso dever, mas receia que também vós estejais a ir meter-vos na boca do perigo.

— Eu sei — respondi com brandura. — Mas ninguém na corte sabe grande coisa a respeito de Daniel Beecham. — Ao nomear em voz alta a minha identidade secreta, levei a mão ao queixo. Deixara a minha barba arruivada crescer o mais possível e depois aparara-a de forma a moldar-me o maxilar, deixando um tufo saliente no queixo, como era moda. Com aquela barba e com os cabelos compridos, mal me reconhecia. Seria suficiente? Conseguiria regressar à corte e não me denunciar como o escudeiro inexperiente que virara os planos de Northumberland do avesso?

— Poderíeis ser um homem qualquer — declarou Dona Ashley, como se me tivesse lido os pensamentos. Segurou o meu rosto entre as suas mãos. — Kate precisa de vós. Embora ela vá ficar para trás, o seu coração acompanhar-vos-á. Tal como o coração de cada um de nós. Tudo o que desejamos é ver-vos de regresso são e salvo, juntamente com Sua Graça.

Fiquei com um nó na garganta.

— Não estais a facilitar a despedida — resmunguei.

— Nem é isso o que pretendo. — Deu-me uma palmadinha na face. Abracei-a, entregando-me por um instante àquele seu cheiro intenso a ervas aromáticas, a óleo de linhaça e a todas as coisas boas e simples que a vida tinha para oferecer.

— Pronto, pronto — murmurou ela, recuando. — Já chega disto. Vinde, que se faz tarde e tendes uma longa viagem pela frente. O rapaz mal se tem nele, tal é o entusiasmo.

Aquilo sobressaltou-me.

— O rapaz?!

Ela sorriu.

— De verdade que achastes que vos deixaríamos ir sozinho? Peregrine irá convosco. — Espetou um dedo no ar, mais uma vez travando os meus protestos. — Fosse como fosse, ele não se teria deixado ficar para trás. Sabeis perfeitamente que, mal passásseis a porta, ele iria no vosso encalço.

«O cenário histórico, pormenorizadamente detalhado, pulsa num ambiente de traição, agitação política, medo e loucura, que foram parte integrante do reinado de Maria Tudor. Nas mãos de Gortner, tudo isto se torna real e o leitor é facilmente atraído pelo suspense e intriga. Um livro bem feito e envolvente.»

RT Book Reviews



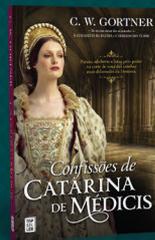
No inverno de 1554, Maria Tudor é a rainha de Inglaterra e os seus inimigos estão aprisionados na Torre de Londres. O seu iminente noivado com Filipe de Espanha, com o objetivo de assegurar o catolicismo no reino, coloca os súbditos protestantes em perigo. Então, os rumores de uma conspiração para levar ao trono a sua irmã, a princesa Isabel, adensam-se.

O tempo de refúgio do espião Brendan Prescott chega ao fim quando inquietantes notícias o fazem partir numa arriscada missão e ajudar Isabel em cativeiro. Prescott regressa assim ao palácio, onde quase perdeu a vida, sob a identidade de Daniel Beecham, e enceta um jogo mortal de gato e rato com um perigoso e enigmático adversário.

Numa corrida contra o tempo para recuperar um maço de cartas cujo conteúdo pode conduzir Isabel ao trono ou condená-la à morte, Prescott descobre que, num submundo de traições e intrigas, os amigos e os inimigos facilmente se confundem e o poder é de tal maneira supremo que pode levar uma irmã a voltar-se contra outra.



Do mesmo autor:



Veja o vídeo de apresentação deste livro.

www.topseller.pt

**TOP
SEL
LER**

os livros em primeiro lugar

2010 

ISBN 978-989-8800-51-0



9 789898 800510

Romance Histórico